

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal, 1974–2026: a indústria que tínhamos e o futuro que adiámos

Publicado em 2026-10-12 15:01:13



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Indústria que tínhamos e o futuro que adiámos

Crescemos, modernizámos o país e recebemos recursos. Faltou transformar oportunidades em capacidade produtiva duradoura.

Nota de abertura:

Compreender a indústria de 1974 e o caminho percorrido desde então exige reconhecer as capacidades que se perderam, as conquistas sociais que se alcançaram e as escolhas económicas que ficaram aquém das necessidades do país.

A minha leitura é esta: **Portugal tinha, em 1974, uma base industrial importante e uma economia que vinha a crescer rapidamente. O que falhou nas décadas seguintes foi a transformação dessa base numa economia suficientemente produtiva, tecnologicamente avançada e capaz de sustentar salários elevados.** Os fundos europeus ajudaram a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta conclusão exige reconhecer duas realidades: perderam-se capacidades industriais relevantes; ao mesmo tempo, Portugal melhorou profundamente as condições de vida da população.

O Portugal de 1974 tinha indústria e capacidade de crescimento

Para avaliar a economia anterior à revolução, 1973 é uma referência mais adequada: em 1974 já se cruzavam os efeitos do choque petrolífero com a mudança de regime. Entre 1960 e 1973, o PIB português cresceu, em termos reais, cerca de **6,9% por ano**, segundo a investigação histórica de Edgar Rocha. Era um crescimento muito elevado, acompanhado pela transferência de trabalhadores da agricultura para a indústria e os serviços.

[1]

Existiam actividades industriais com dimensão, conhecimento técnico e fornecedores associados: química, adubos, siderurgia, metalomecânica, equipamentos eléctricos, construção e reparação naval, celulose, têxteis, calçado, cortiça e conservas. A Lisnave é um exemplo

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma fábrica desta natureza representava muito mais do que edifícios e máquinas. Formava técnicos, criava aprendizagem entre gerações e sustentava empresas fornecedoras. Quando desaparece, parte desse conhecimento também se dispersa. É uma perda económica que não se recompõe apenas com a abertura de um concurso para subsídios.

Também convém perceber de onde vinha o crescimento. A entrada na **EFTA**, **em 1960**, abriu mercados europeus, estimulou exportações e investimento estrangeiro. A emigração, as remessas e a expansão das economias europeias contribuíram igualmente. Uma parte importante do sucesso industrial português já dependia da integração externa. [2]

Contudo, havia fragilidades profundas: protecção de empresas pouco eficientes, concentração de poder económico, baixos níveis de qualificação e grandes carências sociais. Em 1970, **25,6% da população era analfabeta e 53% das habitações não tinham água canalizada**. Estes números impedem que o crescimento industrial seja confundido com prosperidade generalizada.

[4]

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O percurso posterior teve varias rupturas, e cada uma deixou consequências diferentes

Quadro cronológico — mudanças económicas e consequências para o desenvolvimento

Período	Mudança económica principal	Consequência para o desenvolvimento
1974–1985	Choques petrolíferos, descolonização, instabilidade, nacionalizações e desequilíbrios externos.	Queda do investimento, reorganização dos grupos económicos e dificuldades na gestão de empresas públicas.
1986–final dos anos 1990	Adesão à CEE, fundos estruturais, abertura e modernização.	Melhorias nas infra-estruturas e nova fase de aproximação aos rendimentos europeus.
Final dos anos	Integração monetária, crédito mais acessível e	Endividamento e crescimento insuficiente da produtividade;

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ção de

2010	internacional crescente.	parte do tecido produtivo.
2011– 2014	Crise financeira e da dívida, assistência externa e ajustamento.	Recessão e forte pressão sobre empresas, emprego e investimento.
Anos seguintes	Recuperação das exportações e dos serviços, seguida de novos choques externos.	Melhor equilíbrio externo, mas persistência dos bloqueios à produtividade.

Esta sequência é importante: a convergência retomada depois de 1986 e a estagnação iniciada por volta de 2000 mostram que a dificuldade actual resulta de decisões e circunstâncias acumuladas, em períodos distintos. [5] [6] [7]

O primeiro grande fracasso foi a utilização do capital disponível

Na minha avaliação, o primeiro grande fracasso foi a utilização do capital disponível.

Na preparação e nos primeiros anos do euro, Portugal passou a ter acesso a financiamento em condições muito

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Ricardo Reis propôs uma explicação particularmente relevante: a entrada abundante de capital encontrou um sistema financeiro que não o encaminhou adequadamente para as empresas mais produtivas. No seu modelo, actividades menos produtivas, orientadas para o mercado interno, expandiram-se à custa de actividades mais expostas à concorrência internacional. É uma hipótese explicativa sustentada em investigação, que ajuda a compreender o período, embora não esgote as suas causas.

[6]

É necessário distinguir este crédito dos fundos europeus: são mecanismos diferentes. O problema comum é a qualidade da aplicação dos recursos. Construção, habitação e serviços internos são necessários; o desequilíbrio surge quando a economia aumenta compromissos financeiros sem desenvolver capacidade suficiente para gerar rendimento futuro.

O euro tornou essa exigência mais forte. Com uma moeda comum, a competitividade passou a depender ainda mais de tecnologia, organização, qualidade e produtividade. A adaptação portuguesa foi insuficiente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

indústria

A pergunta decisiva não é quantas fábricas se conseguiria manter abertas em qualquer circunstância. É quantas capacidades existentes poderiam ter sido transformadas em empresas competitivas, com produtos melhores, engenharia própria e maior valor acrescentado.

Algumas indústrias enfrentaram mudanças tecnológicas, concorrência asiática e alterações profundas da procura mundial. Outras tinham sobrevivido graças à protecção ou a compras públicas preferenciais. José Silva Lopes chamou a atenção para estas limitações, incluindo na indústria pesada: a dimensão de uma instalação não garantia competitividade internacional. [2]

A responsabilidade política está, sobretudo, na qualidade da transição: antecipar mudanças, apoiar aprendizagem tecnológica, preservar competências aproveitáveis e criar condições para novas actividades. **O encerramento de uma empresa pode ser inevitável; a perda duradoura de capacidade produtiva numa região exige uma resposta.**

Portugal continuou a ter empresas industriais competitivas. Já em 1986, o tecido industrial combinava



O terceiro fracasso foi deixar persistir empresas demasiado pequenas e pouco preparadas para crescer

A OCDE assinala, no diagnóstico de 2026, que as microempresas representam cerca de **39% do emprego empresarial**, e que as empresas jovens crescem mais lentamente do que noutros países da organização. Identifica também fragilidades nas competências de gestão e na adopção de tecnologia. [9]

Isto tem consequências práticas. Uma empresa muito pequena pode ter dificuldade em financiar investigação, contratar especialistas, entrar em mercados externos ou investir em equipamentos modernos. A gestão concentrada numa única pessoa pode limitar a delegação, a profissionalização e a sucessão.

A política económica deveria facilitar o crescimento das empresas viáveis, a cooperação e o financiamento de projectos com potencial. A avaliação dos apoios precisa de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O quarto tracasso foi a distancia entre o progresso educativo e a sua utilização económica

A democratização da educação foi uma conquista enorme. Criou capacidades que o país antes não tinha. Mas qualificar pessoas exige, depois, empresas e instituições que saibam aproveitar essas competências.

Quando faltam carreiras, equipamento, autonomia e remuneração, o investimento educativo produz menos benefício económico interno do que poderia. A emigração de profissionais qualificados agrava essa dificuldade.

Também seria errado atribuir a baixa produtividade simplesmente aos trabalhadores. **Produtividade depende das máquinas disponíveis, da organização, da gestão, da tecnologia e do produto que se vende.** A OCDE estima que a produção real por trabalhador permanece cerca de 17% abaixo da sua média de referência, apesar da melhoria recente. [9]

Salários baixos podem ajudar uma empresa a competir durante algum tempo. Como estratégia nacional

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O quinto tracasso foi a qualidade e a continuidade das decisões públicas

Na minha leitura, houve uma preferência política excessiva por resultados visíveis dentro de uma legislatura: obras inauguradas, montantes aprovados, candidaturas abertas e taxas de execução.

Uma estratégia produtiva precisa de horizontes mais longos. Formação especializada, investigação aplicada, redes de fornecedores e entrada em mercados internacionais levam anos. Exigem regras previsíveis e avaliação que sobreviva à mudança de governo.

Os entraves administrativos e as dificuldades da justiça também têm um custo económico. A Comissão Europeia continua a identificar estes obstáculos ao investimento e à competitividade. Uma empresa pode receber apoio para comprar uma máquina e continuar bloqueada por licenças, conflitos demorados ou falta de trabalhadores especializados. [10]

As crises financeiras agravaram esta descontinuidade. Interromper investimento durante vários anos deixa



Os fundos europeus permitem uma crítica mais precisa

Quanto aos fundos europeus, a evidência permite uma crítica mais precisa do que dizer que foram todos desperdiçados.

Os fundos financiaram melhorias reais em infra-estruturas, formação, investigação e empresas. Há investigação que encontra benefícios económicos nos seus destinatários.

Um estudo de Sónia Cabral e Maria Manuel Campos, publicado pelo Banco de Portugal em 2023, encontrou resultados positivos nas empresas apoiadas pelo COMPETE: emprego, vendas, valor acrescentado e intensidade exportadora superiores aos de empresas comparáveis que não receberam apoio. Os ganhos de produtividade eram, porém, menores. As autoras reconhecem ainda a dificuldade em separar inteiramente o efeito do financiamento do efeito de seleccionar melhores projectos. [11]

Outro estudo, publicado em *Small Business Economics* em 2025, encontrou efeitos positivos sobre vendas,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estas conclusões ajudam a localizar o problema: **um programa pode beneficiar empresas e, ainda assim, não produzir uma transformação nacional suficientemente forte.** É necessário avaliar a escala, a persistência e a composição dos efeitos.

Por isso, a prestação de contas deveria responder regularmente a perguntas concretas:

- Quanto aumentou a produtividade dos beneficiários?
- Que exportações e competências permaneceram depois do apoio?
- Que empregos continuaram a existir, e com que salários?
- Quanto investimento privado adicional foi mobilizado?
- Que resultados justificam continuar, alterar ou encerrar cada instrumento?

A taxa de execução financeira responde a quanto se gastou. O desenvolvimento exige saber o que ficou.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os governos respondem pelas prioridades, pela estabilidade das regras e pela avaliação. A banca responde pela selecção e acompanhamento do crédito. Os empresários respondem pela gestão e modernização. A arquitectura europeia também condicionou as opções através da integração monetária, das regras e da concorrência.

As nacionalizações e a gestão pública tiveram custos e falhas; as privatizações, por si só, também não garantiram concorrência, inovação ou bom investimento. Cada decisão deve ser julgada pelos seus resultados.

Finalmente, importa caracterizar bem o presente. Portugal não está numa queda económica contínua: o relatório da Comissão Europeia de junho de 2026 assinala crescimento superior à média europeia em quatro anos consecutivos. Mas coloca o PIB por habitante, em poder de compra, em 81% da média da UE em 2025, ainda abaixo dos 85% registados em 2000. **Houve recuperação recente dentro de um problema prolongado de convergência.** [10]

O meu juízo principal é este: **Portugal conseguiu modernizar grande parte das condições de vida, mas ficou aquém na construção da capacidade**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mais importante esteve na insuficiente conversão desses recursos — juntamente com o crédito, a educação e a infra-estrutura — em empresas mais produtivas, inovação difundida e melhores salários. É essa falha acumulada que hoje limita tanto a economia como a sustentabilidade do contrato social.

Nota Editorial

Esta crónica apresenta uma interpretação crítica da evolução económica portuguesa, apoiada em investigação histórica, estudos empíricos e publicações institucionais nacionais e internacionais. As apreciações sobre prioridades políticas e responsabilidades constituem juízos de análise; as hipóteses dos investigadores são identificadas como tal. O texto reconhece os ganhos sociais da democracia e os benefícios documentados dos fundos europeus.

A referência anterior à revolução é, sempre que adequado, 1973. Os indicadores sociais citados correspondem a 1970. O valor de crescimento

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2000 e 2025 são os apresentados pela Comissão Europeia no relatório publicado em Junho de 2026 e podem ser sujeitos a revisões estatísticas.

Os estudos sobre fundos europeus avaliam programas, amostras ou alterações de elegibilidade específicos: os seus resultados não equivalem a uma avaliação integral de todos os fundos recebidos por Portugal. Texto consolidado em 9 de Outubro de 2026, em português de Portugal e grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Referências credíveis

- [1] Edgar Rocha — Crescimento económico em Portugal nos anos de 1960–73: alteração estrutural e ajustamento da oferta à procura de trabalho. *Análise Social*, 20(84), 1984, pp. 621–644.
- [2] José Silva Lopes — A EFTA e o progresso da economia portuguesa — 1960–1973. Texto de análise histórica disponível no arquivo do IEEI.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- [4] Pordata / Fundação Francisco Manuel dos Santos — 50 anos de Democracia em números, 2024. Indicadores de educação, habitação e condições de vida.
- [5] João César das Neves — O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global. *Análise Social*.
- [6] Ricardo Reis — The Portuguese Slump and Crash and the Euro Crisis. *Brookings Papers on Economic Activity*, Primavera de 2013.
- [7] Banco de Portugal — Evolução das contas externas portuguesas: da necessidade de financiamento à capacidade de financiamento. *BPstat, Números que Contam*.
- [8] Rui Madaleno — A indústria portuguesa: principais características e vulnerabilidades. *Nação e Defesa*.
- [9] OCDE — OECD Economic Surveys: Portugal 2026. Capítulo Strengthening fiscal policy and long-term growth, Janeiro de 2026.
- [10] Comissão Europeia — 2026 Country Report — Portugal. SWD(2026) 222 final, 3 de Junho de 2026.
- [11] Sónia Cabral e Maria Manuel Campos — European structural funds and the performance of Portuguese

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Lavares — European funds and firm performance:
evidence from a natural experiment. Small Business
Economics, 65, 2025, pp. 2143–2178. DOI: 10.1007/
s11187-025-01052-z.

Augustus Veritas

Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)